

Presidente

Herbert Victor Levy

Luiz Fernando Ferreira Levy

Paulo Roberto Ferreira Levy

Luiz Fernando Cirne Lima

Roberto de Souza Ayres

GAZETA MERCANTIL

Quarta-feira, 9 de janeiro de 1991

DIRETORIA**Diretor-Presidente**

Luiz Fernando Ferreira Levy

Diretores Vice-Presidentes

Henrique Alves de Araújo

Roberto Müller Filho

Roberto de Souza Ayres

Página 4

Economia - Brasil O Brasil não vai parar

O Brasil vive, sem dúvida, um momento de reciclagem, que tem provocado a indesejada diminuição da sua atividade econômica global, mais notável e profunda em alguns segmentos. Esta é uma realidade dura, da qual não é possível escapar neste momento.

Daí, no entanto, a concluir que "o Brasil pode parar", ou que a nossa economia "pode quebrar de uma hora para outra", vai uma grande distância.

Por isso é bom que se diga, a fim de dissipar ao menos parcialmente a pesada nuvem de pessimismo que pousou sobre a Nação, que um sistema produtivo complexo como o brasileiro não entra repentinamente em colapso, não naufraga assim, sem mais essa nem aquela.

Afirma-se, com alguma ênfase, que o governo federal pretende paralisar a economia brasileira — e aí está outra impossibilidade. Pretender isso seria um absurdo, uma insanidade, e, claramente, a paralisia não pode ser um objetivo deste ou de qualquer outro governo.

O que se verificou na prática, e tornou-se claro após a averiguação dos resultados alcançados pelas vendas do varejo no final do ano passado, é que a queda de faturamento

foi, na verdade, muito menor do que se esperava e que o volume de negócios ficou apenas alguns pontos percentuais abaixo do realizado no ano anterior.

Em outras palavras: os comerciantes que não se conduziram pelo catastrofismo e municipalizaram adequadamente os estoques de suas lojas efetuaram vendas e atenderam às suas clientelas. Quem foi exageradamente pessimista perdeu vendas e clientes.

A equivocada impressão de que uma determinada política econômica pode parar o País decorre de uma visão maniqueísta e simplista da realidade. Esta coloca como única opção ou a prosperidade aquecida ou a gélida falência. Entretanto, uma economia relativamente avançada está cheia de meios-tons e a alternância entre períodos de maior e de menor atividade econômica tem sido uma constante na história do capitalismo.

É precisamente por essa razão que empresários mais modernos e sagazes não deixam de divisar, no atual momento, oportuni-

dades reais de bons negócios, no Brasil. A tal ponto que, de muitos deles, tem partido uma forte reivindicação no sentido de que seja facilitado o repatriamento de recursos investidos no exterior, que hoje lhes rendem muito menos do que se estivessem aplicados aqui.

Qualquer raciocínio lógico conduz à conclusão de que uma economia marcada por grandes desequilíbrios e distorções, como é o caso da brasileira, não se estabiliza sem correções estruturais. Ninguém pode negar ao presidente Fernando Collor o mérito de ter anunciado amplamente a sua intenção de promover essas correções, em busca de um novo equilíbrio. Esse objetivo não pode ser confundido com a insensata pretensão de paralisar a economia, mesmo porque esta é, felizmente, uma meta inalcançável.

A prova de que o governo não almeja a estagnação pode ser encontrada, por exemplo, na oferta de novas alternativas de investimento, no mercado de capitais, dinamizado

pela orientação da Comissão de Valores Mobiliários. Mecanismos que se encontram em fase conclusiva de estudos, no âmbito da CVM, vão irrigar com novos recursos atividades economicamente tão importantes quanto a construção civil e os negócios agrícolas.

De outra parte, o processo de privatização, já em curso e em via de aceleração, funcionará, necessariamente, como um importante dinamizador de novos negócios e investimentos.

Este é o verdadeiro cenário que se abre para os empresários brasileiros e estrangeiros aqui estabelecidos no ano de 1991. Aqueles de visão curta e mentalidade engessada por velhos hábitos cartoriais e pela inércia do processo inflacionário têm toda a razão em ser pessimistas.

Aqueles outros, no entanto, que estão dispostos a trabalhar e lutar bravamente para oferecer ao mercado produtos de melhor qualidade a preços mais baixos encontrarão motivos para algum otimismo. Certamente terão de vencer grandes dificuldades e não raro serão desafiados por erros cometidos por autoridades de todos os níveis. Ao final, porém, serão recompensados pela confiança que tiveram no Brasil e em si próprios.